

O NAUFRÁGIO DOS DIAMANTES (ou a descaracterização do território pela usina hidrelétrica) ¹

THE SINKING OF DIAMONDS (or the mischaracterization of the territory by the hydroelectric plant)

José Luiz Vaz de Sousa ²

joseluisvaz@yahoo.com.br

Prof^a. Dr^a. Maria Geralda de Almeida ³

mgdealmeida@gmail.com

Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça ⁴

ufgmendonca@gmail.com

RESUMO

As populações ribeirinhas cultivam estreitos vínculos com os rios, utilizando-os e às suas margens em busca de trabalho e sobrevivência. Em vários pontos do Brasil, é onde também garimpam diamantes. Esta foi, durante meio século, a atividade mais importante no município de Três Ranchos, localizado no extremo sudeste do Estado de Goiás. Represado em 1982 por uma usina hidrelétrica, o Rio Paranaíba transformou-se radicalmente e, por conta do alagamento dos sítios onde garimpava, converteu-se o garimpeiro num excluído típico. A descaracterização do território, provocada pelos extensos reservatórios de usinas hidrelétricas, condena os trabalhadores ao desterro, em dois sentidos: estrito, porque os obriga a sair de seus lugares, e figurado, pois mesmo reassentados, sentem-se degredados, banidos do ambiente onde construíram tantos significados para suas existências.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; Garimpeiros; Hidrelétricas; Migração.

RESÚMEN

Las poblaciones ribereñas cultivan estrechas relaciones con los ríos en función de la utilización de sus márgenes en busca de trabajo y la supervivencia. En varios puntos de Brasil, estos son lugares donde se extraen diamantes. Esta fue, desde hace medio siglo, la actividad más importante en Três Ranchos, ubicado en el extremo sureste del estado de Goiás. Represado en 1982 para una planta hidroléctrica, el río Paranaíba fue transformado radicalmente y, debido a la inundación de los lugares donde se extrae los diamantes, se convirtió el minero en un excluido. La descaracterización del territorio, provocada por los grandes embalses de las centrales hidroléctricas, es la condena al exilio de los trabajadores de dos maneras: estricta, ya que les obliga a abandonar sus lugares, y en sentido figurado, porque incluso reassentados, se sienten exiliados, desterrados del entorno donde construyeron tantos significados para su existencia.

PALABRAS-CLAVE: Trabajo; Prospectores; Hidroléctricas; Migración.

¹ Fragmento da pesquisa “Pobres garimpeiros de riqueza: a geografia dos diamantes em Três Ranchos, Goiás”, em curso pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão.

² Graduação em Geografia (2003) e especialização no ensino de Geografia (2006) pela Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão; professor no ensino público municipal de Catalão, Goiás. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFG-Campus Catalão.

³ Orientadora – Doutorado em Geografia pela Université de Bordeaux III, França (1985); professora titular da Universidade Federal de Goiás.

⁴ Co-Orientador – Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004); professor titular da Universidade Federal de Goiás.

INTRODUÇÃO

*O homem chega já desfaz a natureza
Tira gente põe represa, diz que tudo vai mudar
Diz que dia menos dia, vai subir bem devagar
Dói no coração
O povo vai se embora com medo de se afogar
Dói no coração
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
adeus, adeus...⁵*

Disserta-se, neste trabalho, a respeito do garimpo e dos garimpeiros de diamantes, um evento e sujeitos cujas marcas, mesmo depois de inviabilizada a atividade por conta da inundação causada pela hidroelétrica, ainda são perceptíveis no jeito de viver das pessoas de Três Ranchos, município situado no extremo sudeste do Estado de Goiás. Credita-se maior propriedade a tais remanescências e reminiscências àqueles trabalhadores pelo empenho de grande parte de suas vidas no sonho de encontrar diamantes, de alguma forma contagiando aos demais de seu convívio com os seus devaneios. A vida ao redor deles, garimpeiros, e o que derivava do seu trabalho, tornando-o um emaranhado de sonhos e fantasias, as realidades adjacentes, a onipresença do capital, as esperanças e frustrações, em tudo há subsídios para a realização desta pesquisa.

É conveniente e prudente esclarecer a respeito de algumas citações a Karl Marx: interpretado sob algum rigor, é possível que não se veja na leitura deste pensador qualquer alusão a outras categorias de trabalhadores que não a do proletariado. No entanto, nota-se, a partir da definição do termo, o garimpeiro em situação semelhante (ainda que numa situação pior!) trocando sua força de trabalho na condição de meia-praça com o fornecedor, tendo como salário os víveres para garantir as energias e continuar trabalhando. A diferença essencial aqui é o garimpeiro ser tão apaixonado em sua lida, no delírio constante em busca do diamante, chegando às margens da completa alienação, deslembrado de tudo o mais.

Outro esclarecimento necessário é com relação aos procedimentos metodológicos que resultaram neste artigo: como a pesquisa ainda está em andamento, o que está aqui registrado decorre de diálogos “informais”, da convivência do autor com os garimpeiros, moradores numa comunidade em que quase todos se conhecem ou são parentes, sujeitos de um cotidiano farto de relações e conflitos. E embora o pano de fundo seja o garimpo de diamantes, o autor aproveita-se daqueles eventos e tudo o mais que orbita esse cenário na articulação do texto, com ênfase para a descaracterização tão profunda que provoca ao território a reprodução do capitalismo a partir da

⁵ Versos da canção intitulada “Sobradinho”, da autoria de Sá & Guarabira.

implantação do hidronegócio, cujos reservatórios de água inundam extensas áreas, alterando radicalmente a contextura precedente.

O diamante, ainda hoje e como sempre tem sido, a despeito de seu brilho e transparência, é originário de obscuras relações, que não raro se dão com violência ou aproveitando-se do sonho, do espírito fantasioso inerente ao garimpeiro e à sua lida. Por conta de uma extensa cadeia de enriquecimentos, o capital estimula a exploração, especialmente do garimpeiro, o primeiro agente, quem efetivamente encontra a pedra bruta que será transformada em brilhante. Mesmo sendo o grande responsável pela descoberta do diamante, a participação do garimpeiro nos ganhos advindos é a menor, considerando os altos preços posteriores que a manufatura finalizará em caro adereço.

Pelo mundo inteiro, desde a Amazônia, passando por Goiás, Bahia ou Minas Gerais, e indo até a África e à Índia, no que se refere à exploração do trabalho no garimpo, o que se vê ainda hoje é semelhante ao que sempre sucedeu, em maior ou menor grau de crueldade. A literatura e o cinema são fartos de histórias a respeito que, romanceadas, indicam apenas uma fração do que realmente ocorre nos garimpos de diamantes.

Embora viesse de antes o desejo da emancipação, ela aconteceu concomitante à chegada da estrada de ferro e ao início da garimpagem, no transcurso das décadas de 1940 e 1950. Portanto, a cidade de Três Ranchos não nasceu ao acaso, nem se formou à revelia do trabalho ou sem o desejo das pessoas de se agruparem, solidarizarem-se. Tal contextura social não existe sem a presença do sistema urbano.

Milton Santos (1997), tratando das metamorfoses do espaço habitado, diz que o “subespaço urbano” (constituente do “espaço total”) é necessário porque agrupa as condições para a manutenção das relações com os demais subespaços dentre eles o subespaço mineiro (garimpos etc); é o “aparelho terciário” (o comércio e os serviços) dando condições ao garimpo (uma atividade extrativista, primária) de relacionar-se com os demais subespaços. Com efeito, nesse “espaço terciário”, pela mediação dos aparelhos urbanos, é onde ocorrem eventos cuja sucessão é o que define uma série de características de cada subespaço, consequentes das atitudes individuais e coletivas. Da fragmentação do termo “comunidade” tem-se *com + unidade*, ou seja, os indivíduos reunidos, amalgamados, a partir de interesses compartilhados. Dessa forma o processo histórico se viabiliza e se materializa, cotidianamente, de acordo com o trabalho e a personalidade dos vários atores envolvidos, resultando, por conseguinte, em “características espaciais” respectivas. Os sedimentos que se amontoam hão de tornarem-se, a posteriori, as evidências de como se organizou aquela comunidade, suas interferências na paisagem, as formas de apropriação do território etc. “É desse modo que se pode dizer que o espaço é sempre histórico. Sua

historicidade deriva da conjunção entre as características da materialidade territorial e as características das ações” (SANTOS, 2010, p. 248). Por sua vez, Pierre George, explicando outra importante categoria geográfica, diz que

[...] a paisagem é uma resultante de legados ou de forças atuais ou do passado as quais, em si mesmas, fogem do domínio do visível: são elas tanto as longas sequências de acontecimentos geológicos ou históricos, como os fluxos de capitais ou as redes de comando e de decisão ligadas às estruturas (GEORGE, 1972, p. 22).

A despeito do cerne de nossa pesquisa tratar do garimpo de diamantes e de como seus personagens contribuíram na constituição do município de Três Ranchos, é conveniente salientar que não se trata de algo exclusivo, e que tal desenvolvimento, especialmente do centro urbano, vem de antes, e não sucedeu exclusivamente por conta da atividade garimpeira. Outros sujeitos e episódios (e há tantos deles!) são todos tributários do evento maior que se quer descrever, considerando que “um elemento não pode evoluir isoladamente, nem é capaz de se transformar sem arrastar os demais no seu movimento” (SANTOS, 2010, p. 24).

Na investigação de como se procedeu a constituição do município de Três Ranchos, se percebe, por exemplo, a presença marcante do rio Paranaíba. Não há como apartá-lo da descrição da maioria dos fatos aí sucedidos; assim como o tempo, o rio descarrega em seu curso acúmulos de história. Ancestral e eterno, transformista, assumiu variadas funcionalidades e significados: nos primórdios da historiografia oficial, foi a referência do início da conquista de Goiás, o marco geográfico para a ocupação definitiva, o Porto Velho, por onde as primeiras travessias ocorreram, ao sul do que hoje é o município. E desde antes daquele tempo, e por muito depois, a fartura de peixes era garantia de nutrimento dos moradores. Influenciou na economia, pois as melhores fazendas, as lavouras mais produtivas, os melhores pastos, dos quais saíam os melhores gados, estavam nas margens férteis do Paranaíba. Aí também cresciam os babaçuais, cujas amêndoas eram o fruto do trabalho padecente de muitas mães, com que sustentavam suas famílias. Detido, represado, o rio insiste na demonstração de múltiplas serventias: gerador de energia, grande potencial para a piscicultura intensiva e para a atividade turística, que mesmo ainda num estágio embrionário, alterou profundamente o modo de vida de grande parte da população, galgada de um sistema econômico tipicamente extrativista, considerado o setor primário da economia, para o setor terciário, este voltado para o comércio e a prestação dos vários serviços adjacentes ao turismo.

O garimpo de diamantes, profuso de fantasias, gênese da ostentação e da superfluidade, e de uma cadeia de enriquecimentos dos quais o seu primeiro agente é o que aufere a menor parte

dos resultados, é uma atividade extrativista, desenvolvida de forma rudimentar durante todo o meio século que durou (da primeira metade da década de 1930 até 1982) no município de Três Ranchos. Garimpar, dizendo abreviado, é faina em território insondado e quem a ela se dedica é tido como sonhador, que “procura o que não perdeu”. Esse sujeito, único constante e diretamente envolvido na atividade, o garimpeiro, é um tipo humano a quem mais apropriadamente se poderia alcinhar de aventureiro, sem todo querer dizer que esse termo conforma. Um trabalhador cuja profissão, pela própria origem etimológica, já se demonstra árdua: anteriormente eram denominados mineiros os que iam às minas trabalhar, à mineração; depois foram designados, genericamente, como garimpeiros, em função daqueles que mineravam “furtivamente as terras diamantinas, e que assim são chamados por viverem e andarem escondidos pelas grimpas das serras” (COUTO, 1874). A condição de viver “furtivamente”, o fato de ser considerado ilegal o próprio ganha-pão, e as tantas outras dificuldades dessa labuta, moldaram um sujeito ímpar; algumas vezes, por conta da vida errante e dos muitos infortúnios, carregou adjetivos depreciativos, improcedentes. A propósito, lembremos que o trabalho, etimologicamente, tem origem num instrumento de tortura da Roma antiga, o “tripalium”, que consistia em três paus (“tri palus”) fincados ao chão onde os escravos eram castigados. Ou seja, tendo em conta o sentido literal da peleja daqueles homens, verifica-se um duplo padecimento, como trabalhadores e como garimpeiros. Ainda assim, o garimpeiro de Três Ranchos era satisfeito: bamburrando⁶ ou não, a vida estava todo o tempo carregada de esperança, que o fazia aguentar e seguir adiante, alheio às agruras cotidianas. O rio era uma espécie de entorpecente, depositário de mistérios e sonhos. Para além de um trabalhador comum, o garimpeiro era todo encantamento em sua faina, sempre densa e intensa de boas promessas. De tudo o que diz a literatura a respeito do garimpeiro, o que mais corresponde à sua índole é o arrebatamento diante da possibilidade de achar um diamante. Tal fascinação faz o garimpeiro perder a noção do que lhe ocorre: “os dentes caem, o cabelo cresce, as costas encascam assadas ao sol” (PALMÉRIO, 1984, p.105).

Na situação em que o insucesso assolava o garimpeiro e não tinha como se sustentar em sua lida, por conta própria, apresentava-se a figura do “fornecedor”, o patrão, que financiava os víveres e ferramentas para o garimpeiro se manter na atividade. Por tal envolvimento numa atividade de risco (o fornecedor também era contaminado pelo desejo de encontrar o diamante) eventualmente acontecia desse investidor perder tudo o que possuía financiando a procura dos

⁶ Segundo FERREIRA (1995, 83) *bamburrar* é termo oriundo das lavras diamantinas baianas, e significa “encontrar diamante muito valioso”. Pela origem do termo, indicado pelo autor, a sua utilização é um dos indícios da migração ocorrida de várias partes do país para os garimpos de Três Ranchos.

diamantes que não eram encontrados. Tratava-se, com efeito, de um tipo de exploração do trabalho, sendo o tal fornecedor a típica incorporação do capital. Em vista disso, uma suposição recorrente é de que o garimpeiro, ao encontrar uma pedra que lhe resolvesse a vida, pudesse sem qualquer hesitação fugir com ela, sem dar satisfação ao patrão, pois aqueles “caminhos não são trilhos que guardem rastros, a terra sem fim não tem dono, as furnas da mataria não cobram pouso nem delatam foragido nenhum” (PALMÉRIO, 1984, p.125). No entanto, o garimpeiro não se dispõe à desonestidade. E louvando uma vez mais o caráter do garimpeiro, Mário Palmério exprime sua noção da personalidade e dos valores desse trabalhador, cuja lida dura não o impelia à improbidade:

Tem perigo não: meia-praça não conhece conflitos de consciência, não demora maus pensamentos na cabeça boa. Esquece que ele, só ele, foi quem achou o diamante; que ninguém viu, ninguém sabe; que testemunha, apenas o surdo-mudo do sertão. [...] tão fácil esconder a pedra, voltar à corrutela, fingir doença, desânimo, vontade de abandonar de vez aquela vidinha ingrata. [...] Um mês, dois meses de espera, e depois mudar de ponto, soverter. [...] Para que voltar? Dalí mesmo tomava rumo, mudava de nome, iriam pensar que morreu afogado ou comido de bicho... Tão fácil! Mas não: meia-praça é meia-praça. Pouco importa se já é noite, se até se esqueceu de quentar a comida. Fecha a pedra na mão – é grande demais e não cabe no picuí – e vira nos pés, doido de alegria, já imaginando a cara do companheiro na hora em que lhe mostrar o bamburro. Seu nome? Ninguém sabe direito. Tião? Inácio? Batista? Mas o sobrenome é conhecido e respeitado. E sobrenome macho como poucos: Meia-Praça. (PALMÉRIO, 1984, p. 124-125).

É claro, podia acontecer, dentre tantos malogros, de o garimpeiro acertar a mão, bamburrar de uma hora para outra o sonho virar realidade e ficar “rico! Fazendão, gado de criar, dinheiro no banco!” (PALMÉRIO, 1984, p. 124). Enquanto o diamante não vinha, o sonho se avolumava, e se acrescentava de pedras recordadas, sonhadas, grandes e belíssimas, muitas, tantas quantas as estrelas do céu, reflexos de infinitos brilhantes de infinitas cores embaixo da noite, embaixo da água, embaixo do cascalho, esperando só serem descobertos. Outras já achadas, que a sorte pouco generosa lhe trouxera foram jogadas fora, pequenas, xibius, vendidos a preço de nada, esperteza dos capangueiros. Embora seja difícil discernir devaneios de realidade, o certo é que muito diamante saiu dos monchões⁷ e das viradas⁸ do Paranaíba.

O mais que se diz do garimpo de diamantes, tanto na ficção quanto nos relatos da maioria dos que se envolveram na atividade, é a descrição de um ambiente com pessoas quase miseráveis num momento e no seguinte bafejadas pela fortuna, para logo depois tornarem à

⁷ Monchão é um veio diamantífero em terra firme.

⁸ A virada é o desvio do leito do rio para a exploração dos sedimentos aí localizados.

situação anterior, mal sucedidos na lida com a circunstância de milionários. “A água traz, a água leva”, resigna-se o garimpeiro. Com efeito, esse é um aspecto característico desses trabalhadores: a resignação diante do destino, da sorte, da “hora certa” de bamburrar, enricar. Além disso, tanto na literatura quanto em *Três Ranchos*, vamos encontrar no garimpeiro um ser humano complexo, cuja conduta é perpassada por valores que vão da honestidade à solidariedade, da lealdade à generosidade. Culturalmente, é supersticioso, fantasioso, para quem a boa ou a má sorte está sempre à espreita, pressagiada nos menores acontecidos da vida. Constrói e carrega consigo uma série de saberes, que se acumulam e são revividos dia-a-dia, um ritmado constante de práticas e reaprendizagens. Dentre os seus conhecimentos, sabe enxergar as informações geológicas, distinguindo com maestria os sinais que denunciam a presença do diamante. No mais, é sempre a esperança e o sonho que o movem, persistentes.

Devaneios demais, uma obstinada ambição pela fortuna repentina, é o que mais se diz do garimpeiro! No entanto, a compreensão do que era a vida desse trabalhador e as dificuldades em que esteve sempre mergulhado, respondem como o eventual sucesso não tinha nada de fácil, contraditando o dizer de um certo Riobaldo⁹, segundo o qual “quem mói no asp’ro não fantasia”. O que nunca decretava, porém, ao garimpeiro desiludir. Nitidamente nostálgicas, o que se infere das narrativas dos antigos garimpeiros é que a realidade do garimpo de diamantes em *Três Ranchos* era uma rotina de sofrimentos, áspera dialética de esperança e frustração, uma diluindo a outra.

Em 2006 a Anistia Internacional publicou um trabalho fotográfico (Figura 1) que, embora denunciando uma situação perversa em além-mar, nas minas africanas, distante no tempo e no espaço em relação ao sucedido em *Três Ranchos*, é o retrato fiel do paradoxo consequente do garimpo de diamantes: do lado esquerdo, a metade de um rosto, de pele branca, bem cuidada, ostenta um belo colar de brilhantes; do lado direito, complementando a foto, a outra metade é de um personagem negro, um rosto carregado de suor que, ao invés do magnífico colar, expõe no pescoço a cicatriz ainda sangrenta provocada pelo grilhão. A legenda, contundente, questiona o preço daqueles diamantes, sugerindo o sacrifício imposto pelo mero prazer de ostentar algo raro, e por isso caro, embora (sob certos pontos de vista) completamente supérfluo, como para João Guimarães Rosa (1985, 261), segundo o qual “o diamante perfaz a esquisita invenção: o esmerado sucinto. Dele a gente não vê é a nenhuma necessidade!”. Outro, que nos instrui a respeito da ideia das riquezas, e que também considera o diamante um mero fetiche, é Michel Foucault (2000, 228): para ele, há um “paradoxo do valor”, que opõe “à inútil carestia do diamante a

⁹ Fala do personagem Riobaldo Tatarana, em *Grande Sertão, Veredas*, de João Guimarães Rosa.



Figura 1: “Qual o preço desses diamantes?”. Fonte: <http://www.amnesty.fr/AI-en-action/Lutter-contre-la-pauvrete/Acteurs-economiques/Presentation/Les-diamants-de-la-guerre--et-le-processus-de-Kimberley>.

barateza dessa água sem a qual não podemos viver”. Por seu lado, Eduardo Galeano (1973, 62) diz que “o diamante é uma pedra maldita”¹⁰.

O garimpeiro, primeiro e fundamental sujeito nessa atividade, nunca sai de uma condição quase miserável: no caso específico de Três Ranchos não se tem notícia de algum desses trabalhadores que enriquecesse (e assim tenha permanecido!) à custa de seu trabalho, mesmo tendo achado diamantes mais que suficientes para isso – o que não deixa de ser uma violência: tantos sonhos privados pela insaciável sede da acumulação, materializada no círculo do garimpo pelas figuras do fornecedor¹¹ e do capangueiro¹². Se a violência cruenta descrita ou estampada nas mais diversas mídias aparenta excedida quando relacionada ao garimpo de diamantes de Três

¹⁰ “El diamante es una piedra maldita”.

¹¹ Este era o provedor, que abastecia o garimpo de víveres e ferramentas, em troca da maior parte do dinheiro auferido com a venda do diamante; como se tratava de uma atividade de risco, eventualmente também caía na penúria, se o malogro persistisse e a pedra não fosse encontrada.

¹² O comprador itinerante de diamantes, astuto conhecedor do ofício, costumava mancomunar com o fornecedor para depreciar o diamante, pagando ao garimpeiro menos do que lhe caberia.

Ranchos, não significa que aqui tenha sido inexistente. Invisibilizados pelo sistema, a maioria dos garimpeiros de diamantes e o seu trabalho nunca tiveram uma leitura adequada, mesmo admitindo-se sua importância fundamental, ainda que somente para a reprodução do capital (tendo em vista todo o processo desencadeado a partir da descoberta do diamante), na manutenção da superfluidade, do luxo e da ostentação, ou na efetiva contribuição para a emancipação política e consolidação socioeconômica do município de Três Ranchos.

Os garimpeiros arranchavam¹³ nas margens do rio, próximo às manchas¹⁴. Assim foi na “Mancha Velha”, um dos maiores garimpos de Três Ranchos. Outras dezenas de arranchamentos surgiram, para durarem enquanto alguma esperança os mantivesse de pé: a forma¹⁵ do cascalho é que determinava o quanto a garimpagem permaneceria naquele local. Quem tem na memória ainda vivo o tempo em que se garimpava diamantes por aqui, diz que foi a época que mais riqueza se viu. Havia grande movimentação de dinheiro. O comércio se diversificava a cada diamante encontrado; a informação corria e vinha mais gente, a cidade crescia. Mas a despeito de um aparente sucesso na economia, os desníveis sociais eram tão graves quanto evidentes. Os casebres e ranchos da maioria dos trabalhadores contrastavam com algumas casas dos fornecedores, bem construídas, erguidas à custa dos diamantes que os garimpeiros tiravam do Paranaíba. Como se vê, com poucas variantes, a atividade garimpeira era flagrante a reprodução do sistema capitalista, aqui aliada ao ideário do coronelismo¹⁶.

¹³ No presente caso, o termo é literal: os garimpeiros construíam *ranchos* com folhas de babaçu, palmeira que à época era abundante na região, notadamente em áreas próximas do rio.

¹⁴ Perímetro onde ocorria uma grande quantidade de diamantes.

¹⁵ *Informação*, que o garimpeiro obtinha examinando o cascalho: esse conhecimento era fundamental para o exercício da garimpagem; alguns autores chamam de “satélites” os prognósticos da presença do diamante.

¹⁶ O coronelismo teve o seu fim com a implantação do Estado Novo, em 1937, porém permaneceu como um estilo sócio-político nos grotões do Brasil por muito tempo depois.

Quase sempre o garimpeiro sobrevivia, literalmente: trabalhava para comer. Se bamburrava, a vida melhorava; mas se a pedra não vinha, todo o tempo passado naquela lida era vão, e a precisão aumentava. Se tinha família, ficava meio esquecida na corrutela¹⁷. Conforme o acerto, ou conforme a vontade do fornecedor, este se encarregava de encaminhar algum auxílio. Mas acontecia, eventualmente, o completo desamparo, ficando a família muitas vezes por conta da caridade alheia, à mercê de um sonho que nem sempre se realizava. Vendo-se a mãe obrigada à manutenção da casa, ao sustento próprio e ao dos filhos, não raro partia para a quebração de coco do babaçu¹⁸, palmeira que, antes da inundação, era abundante na região, e cujas castanhas tinham mercado garantido. Curiosamente, a despeito de alguns garimpeiros não terem crédito no comércio local – por conta da incerteza de sua lida – as esposas o possuíam, em vista da segurança da produção de castanhas, embora a transação quase sempre não passasse de escambo, em que as mulheres se sujeitavam à cotação ditada pelos comerciantes, em troca dos gêneros de primeira necessidade. Concomitante ao garimpo e, como este, tipicamente extrativista, a extração da castanha do coco de babaçu teve papel econômico e social de grande relevância, embora nem sempre lembrada como tal e muito menos por ter sido serviço exercido pelas mulheres. E, tal

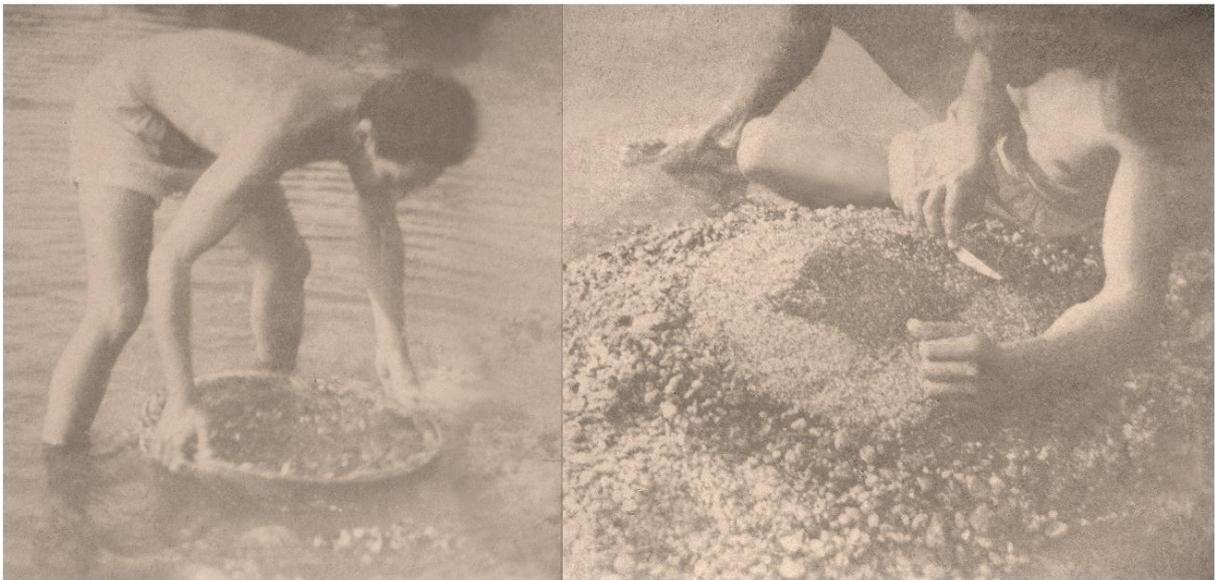


Figura 2 - As duas fotos, tiradas em meados da década de 1960, mostram o garimpeiro Bráulio Calaça em ação: lavando e depois “ciscando” o cascalho à procura do diamante. Esta era a forma mais rudimentar da atividade e a mais comum nos garimpos de Três Ranchos; é a imagem típica do garimpeiro descrito neste trabalho. Fonte: acervo do autor.

qual o diamante, na negociação da castanha também havia a figura do atravessador, que nesse caso eram os vendeiros que compravam e formavam estoques, que daí saíam para os centros

¹⁷ No dicionário Caldas Aulete, *corrutela* significa “reunião de garimpeiros em acampamentos”.

¹⁸ *Orbignya speciosa* (Mart.) Barb. Rodr.

beneficiadores, onde eram transformadas em óleo para várias finalidades. A amêndoa do babaçu tem até 65% de seu peso constituído de óleo, que pode ser transformado em óleo comestível (ingrediente da margarina), glicerina, e utilizado na fabricação de sabão. Com o advento dos biocombustíveis, haveria mais esta alternativa para o aproveitamento do babaçu. Os subprodutos da amêndoa do babaçu são vários, pelo que a sua exploração racional seria economicamente viável e ecologicamente importante para a conservação dos babaçuais e seu ambiente.

Para o habitante nativo, a presença do babaçu é indicativa da fertilidade do solo, onde há, em consequência, pastos de boa qualidade e boas respostas às lavouras aí plantadas; isso já se sabia muito antes das adaptações dos solos, das correções para otimização das vastas monoculturas implantadas no Cerrado a partir do início da década de 1970. Em Três Ranchos, igualmente ao fim da pesca, a agricultura e a pecuária que havia antes, dependentes do diferencial das terras ribeirinhas, terminaram inviabilizadas, destituindo os trabalhadores daqueles afazeres, usurpando-lhes tais fontes de renda.

A qualquer observador é notório o prejuízo causado pela usina hidroelétrica às atividades que dependam do rio e seus fluxos e refluxos. Os solos fertilizados pelas enchentes, pelos sedimentos depositados por elas nas ilhas e margens do rio Paranaíba, foram os primeiros a serem submergidos; produtos daí obtidos, como no caso de Três Ranchos as amêndoas do coco de babaçu, e os advindos dos bons pastos e das lavouras de produtividade acima da média regional, não podiam mais ser colhidos. A pesca mudou drasticamente: piaus, pacus, bagres, mandis, jaús, dourados, papa-terras, pirapitingas, dentre muitos outros, já não existem profusamente como antes. No lugar destes vieram outras espécies, semeadas até mesmo pela empresa concessionária da hidroelétrica. Peixes alienígenas, de outros biomas, que alteraram o equilíbrio da ictiofauna: alguns vorazes, como o tucunaré (notório canibal, que devora até os próprios filhotes) dizimaram os alevinos nativos, mas ao determinarem a devastação destes, tornaram inviável a própria sobrevivência. Assim, num ciclo autodestrutivo, vão desaparecendo também os alienígenas, devido a falta de alimento. Com isso, a pesca habitual de antes se tornou improdutiva, e a vocação para um projeto de piscicultura intensiva, conseguindo o melhor proveito de “tanta água” acumulada, ainda não se concretizou.

Em todas as situações, vê-se como o fim de atividades tradicionais não acarretou a substituição por outras, restabelecendo à comunidade suas ocupações cotidianas: no caso de Três Ranchos, à inviabilidade do garimpo e da agropecuária ribeirinha não se seguiu, por exemplo, a pesca, racional e intensiva, no aproveitamento do lago; a extração da castanha do coco de babaçu, embora uma atividade primária, rudimentar, se mantida, poderia evoluir para uma utilização adequada desse recurso. Ao contrário, o que ocorre é que os babaçuais, outrora abundantes às

margens do Paranaíba, tornaram-se, definitivamente, irrecuperáveis. Neste sentido, conforme Milton Santos (2010, 301), pode-se observar que Três Ranchos tornou-se “objeto de desarticulações”, considerando a “superposição de agentes de diferentes forças” ocorrida a partir do advento da usina hidroelétrica.

O quadro a seguir demonstra como Três Ranchos é o município mais atingido pelo alagamento provocado pela UHE de Emborcação. Mais de 20%, ou 87,28 dos 432,48 quilômetros quadrados que o lago-reservatório ocupa estão sobre terras anteriormente de Três Ranchos, um município que desde a sua fundação já se podia considerar pequeno comparado aos seus fronteiros, de ambos os lados do rio. Embora seja uma informação que careça ser confirmada, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, Três Ranchos tem área de 282 km², o menor dentre os atingidos.

MUNICÍPIO	UF	ÁREA ATINGIDA	
		Km ²	% DO ESPELHO D'ÁGUA
Três Ranchos	GO	87,28	20,18051
Grupiara	MG	77,43	17,90410
Cascalho Rico	MG	77,29	17,87080
Catalão	GO	58,27	13,47282
Douradoquara	MG	46,48	10,74733
Abadia dos Dourados	MG	28,54	6,59865
Araguari	MG	22,17	5,12696
Ouvidor	GO	11,47	2,65203
Monte Carmelo	MG	10,44	2,41354
Davinópolis	GO	7,03	1,62589
Estrela do Sul	MG	6,09	1,40738
TOTAL:		432,48	100,00000

Figura 3: Municípios atingidos pelo reservatório da UHE de Emborcação, as respectivas áreas alagadas e o percentual do espelho d'água sobre cada um deles. Fonte: CEMIG – Centrais Elétricas de Minas Gerais. Adaptado pelo autor.

Num discurso bastante pertinente, Karl Marx refere-se ao “mais profundo sedimento” de uma superpopulação pobre, conseqüente do apoderamento da agricultura pela produção capitalista, que provoca a transferência de grande parte dos trabalhadores das áreas rurais para as periferias urbanas, engrossando aí o exército de “vagabundos, delinquentes, prostitutas, em suma, o lumpemproletariado propriamente dito” (MARX, 1988b, p. 199). De forma análoga, pode-se considerar o deslocamento dos trabalhadores e suas famílias de regiões alagadas pelos reservatórios de usinas hidrelétricas, estas com vistas à produção da energia necessária à insaciável fome do capital. Foi o que forçou ao fim a garimpagem e removeu tantos trabalhadores de sua atividade às margens e no leito do rio Paranaíba. Sem outro interesse maior que o de achar

diamantes, o garimpeiro simplesmente “acampou”, para se tornar uma espécie de força ambulante, disponível à “infantaria ligeira do capital, que, de acordo com sua necessidade, ora a lança neste ponto, ora naquele. Quando não em marcha, ‘acampa’. O trabalho nômade é empregado em várias operações...” (MARX, 1984, p. 224). Isso sucedeu ao garimpeiro de diamantes de Três Ranchos: privado do “vício” de sonhar¹⁹ por conta do alagamento dos sítios onde garimpava, o garimpeiro tornou-se um excluído típico. Em virtude da nova configuração econômica que se estabeleceu, essencialmente voltada para a prestação de serviços relacionados ao turismo eventual e ao de segunda residência²⁰, muitos dos antigos garimpeiros de Três Ranchos se dispõem a trabalhar como serventes, cozinheiros, caseiros, jardineiros, vigilantes etc., vítimas do banimento imposto pelo sistema. Sem nenhum demérito a qualquer novo ofício que abraçaram por força das circunstâncias, a vida do garimpeiro, no entanto, era o garimpo. A nova realidade, perversa, embora aparentemente mais amena, dissimula relações tão desiguais quanto aquelas pretéritas, além de impor ao meio natural enorme agressão.

Para o caso do garimpeiro, outro trabalho era circunstância passageira, no mais das vezes. Na hora da precisão, ele enfrentava qualquer serviço: conhecia os segredos de outras lidas, sabia de gado, de guerras e de terras, de tantas outras vivências no percorrer da vida. Mas o garimpo – Ah! O garimpo! – aquilo é faina de se surpreender, podia mudar a vida num susto. O trabalho era arriscado e duro, tanto quanto ou mais que os demais. Porém ali, de uma hora para outra, tal qual um tesouro dissimulado nas entranhas da terra, o diamante podia aparecer e resolver tudo. A seu modo, ciente às vicissitudes de um sistema no qual ele não se adequa, e como que para justificar a sua tentação, o garimpeiro faz indagação semelhante à de Engels:

[...] que segurança tem o operário de que amanhã a mesma sorte não o espera? Quem pode garantir-lhe que não perderá o emprego? Quem lhe assegura que amanhã, quando o patrão – com ou sem motivos – o puser na rua, poderá aguentar-se, a si e à sua família, até encontrar outro que “lhe dê o pão”? Quem garante ao operário que, para arranjar emprego, lhe basta boa vontade para trabalhar, que a honestidade, a diligência, a parcimônia e todas as outras numerosas virtudes que a ajuizada burguesia lhe recomenda são para ele realmente o caminho da felicidade? Ninguém. (ENGELS, 2008, p. 69).

Nas conversas com o garimpeiro, além de sua propensão à aventura, percebe-se com que clareza ele tem a noção do que o capitalismo lhe reserva. Por isso ele preferia arriscar! Aventureiro, sonhador, sem um lugar que o acorrentasse, o garimpeiro carregava consigo um

¹⁹ O termo “vício louco” foi utilizado por Mário Palmério no livro *Vila dos Confins*, para demonstrar com que insensatez o garimpeiro se lançava em sua busca pelo diamante.

²⁰ Trata-se de casas de veraneio, cujos proprietários residem distante de Três Ranchos, vindo esporadicamente para o lazer ou o descanso na “segunda residência”, esta construída às margens do lago.

saber herdado de si mesmo, da experiência adquirida em outros monchões, outras grupiaras, procurando realizar o sonho do diamante.

Ignorado de toda alma ignorante, o garimpeiro, porém, nos presságios da noite anterior, nas longitudes do sono leve, garantia ter visto de perto o cascalho que por pouco quase demarcou o recinto onde (tinha certeza!) estava o diamante como tantos que vira rebrilhantes no céu imenso. O encontraria, estava perto! A pedra tão sonhada, incógnita, domínio de ninguém, intocada até então; milhões de anos estiveram à espera um do outro. Tantos matizes dados à luz, concentrados num estilhaço tão minúsculo, rocha apurada, lúcida, rebento da mais profunda víscera do planeta, chegado até aqui, na palma da mão.

Não cabem dúvidas a respeito de quão dispendioso em matéria de tempo e trabalho era o garimpo de diamantes em Três Ranchos. Especialmente pelo processo quase artesanal para extraí-lo da rocha engastada nos monchões ou no leito do Rio Paranaíba, era necessário decompor grandes quantidades de cascalho que, no entanto, representavam um volume pequeno em proporção ao trabalho envolvido. Um serviço pesado, trabalho que, propõe Marx, dedicado a uma outra atividade poderia fazer que esta adquirisse maior valor, mais rapidamente e de forma mais segura. Aludindo à questão, Marx lembra como é a raridade dos diamantes na crosta terrestre o que provoca o exagero de trabalho na busca deles, fazendo que, tal como o ouro, metal precioso, e raro como o diamante, não seja capaz de pagar o seu próprio valor.

Com maior razão, vale isso para o diamante. Segundo Eschwege, em 1823 a exploração de oitenta anos das minas de diamante, no Brasil, não alcançava sequer o preço do produto médio de 1,5 ano das plantações brasileiras de açúcar ou café, apesar de que ela representava muito mais trabalho e, portanto, mais valor. Com minas mais ricas o mesmo quanto de trabalho representar-se-ia em mais diamantes, e diminuiria o seu valor. Caso se conseguisse, com pouco trabalho, transformar carvão em diamante, o valor deste poderia cair abaixo do de tijolos (MARX, 1988a, p. 49).

Mesmo considerando as dificuldades e a precariedade do ambiente garimpeiro em Três Ranchos, o discurso da modernidade surgido há três décadas para justificar o barramento do rio não se sustenta: o Rio Paranaíba, outrora depositário de sonhos, esperanças e diamantes, para o garimpeiro hoje significa muito pouco.

Quando nos dizem que as hidrelétricas vêm trazer, para um país ou para uma região, a esperança de salvação da economia, da integração do mundo, a segurança do progresso, tudo isso são símbolos que nos permitem aceitar a racionalidade do objeto que, na realidade, ao contrário, pode exatamente vir destroçar a nossa relação com a natureza e impor relações desiguais. (SANTOS, 2009, p. 217).

Exposto que era a árduas condições de vida e sob precárias relações de trabalho, ainda assim o garimpeiro é saudoso dos tempos em que garimpava, em virtude dos sonhos e esperanças que o embalavam cotidianamente. O cenário do reservatório, um grande e belo espelho d'água, significa para o garimpeiro que a vida terminou num dilúvio, perdeu-se numa enchente que não cessa: “debaixo d'água lá se vai a vida inteira...”, cantam Sá e Guarabira (1977). Avivando antigas miragens, o garimpeiro não se conforma que “tantos” diamantes tenham sido naufragados pela represa; para ele, não há lucro que compense ou justifique tamanho prejuízo. Antes, nas viradas e monchões, no leito e margens do Rio Paranaíba, o sonho de encontrar um diamante fazia parte do ambiente: um anseio tão evidente e perceptível, quase palpável. A marca do garimpeiro é seu arrebatamento diante da possibilidade de encontrar o diamante: fica de tal maneira seduzido que aparenta perder o juízo. A vontade de realizar esse sonho é o que o move em sua lida, mesmo que os seus saberes estejam constantemente tão vinculados à superstição, aos devaneios, aos sinais, aos palpites; um modo de vida que combina a pertinácia na ilusão e o talento para intuir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma energia misteriosa que anima os garimpeiros em sua faina, inflamados unicamente pela miragem do diamante que, no entanto, pode nunca ser encontrado. Considerando a sensibilidade humana – tão própria ao garimpeiro – Marx explica aquele “tormento” dizendo que “o homem enquanto ser objetivo sensível é, por conseguinte, um *padecedor*, e, porque é um ser que sente o seu tormento, um ser *apaixonado*. A paixão (*Leidenschaft, Passion*) é a força humana essencial que caminha energicamente em direção ao seu objeto” (Marx, 2004, p. 128 – grifos no original). O que ao observador desavisado pode significar um sacrifício desmedido, para o garimpeiro era uma paixão pela qual dispensava toda energia de que dispunha. Por isso o Paranaíba lhe era essencial: surgido de remotas nascentes, vinha ele, desde sempre, rio viajero, trazendo sonhos sem fim.

À completa descaracterização do território, em função da implantação das usinas hidroelétricas e do conseqüente alagamento de extensas áreas, decorre a condenação dos trabalhadores ao desterro, em duplo sentido: estrito, porque os constrange ao banimento, a sair de seus lugares, ao completo abandono de suas lidas, e figurado, pois mesmo reassentados, sentem-se degredados, exilados do ambiente onde construíram tantos significados para suas existências.

REFERÊNCIAS

- BAMBURRAR. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Escolar**. Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 83.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Trad. Iraci D. Poleti. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CEMIG – Companhia Energética de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.cemig.com.br/>> Acesso em: 7.mar.2011.
- _____. **Emborcação**. Disponível em <<http://www.cemig.com.br/>> Acesso em: 7.mar.2011.
- COUTO, José Vieira. **Memória sobre a capitania de Minas Gerais**: seu território, clima e produções metálicas. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia de João Inácio da Silva, 1874, t. 1.
- FOUCAULT, Michel (1926-1984). **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, Coleção tópicos.
- GALEANO, Eduardo. **Vagamundo**. Buenos Aires: Crisis, 1973.
- GEORGE, Pierre. **Os métodos da geografia**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- IBGE. <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=522130>>
- MARX, Karl (1818-1883). **O capital**. Vol. 1, Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- _____. **O Capital**: crítica da economia política. Trad. Regis Barbosa e Flávio Kothe. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988a. V. I. Tomo 1. (Os economistas).
- _____. **O Capital**: crítica da economia política. Trad. Regis Barbosa e Flávio Kothe. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988b. V. I. Tomo 2. (Os economistas).
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- PALMÉRIO, Mário (1916-1996). **Vila dos Confins**. 22. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1984. 298 p.
- ROSA, João Guimarães (1908-1967). **Estas estórias**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. **Grande sertão: veredas**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- SÁ, Luiz Carlos Pereira e GUARABYRA, Guttemberg Nery. Sobradinho. In: SÁ & GUARABIRA. **Pirão de peixe com pimenta**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1977. 1 disco (LP): som. Faixa 1.

SANTOS, Milton (1926-2001). **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2009. (Col. Milton Santos; 1)

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SOUSA, J. L. V. **Três Ranchos** – um breve histórico. Disponível em:

<<http://www.tresranchos.go.gov.br/?secao=conteudo&link=Historia>>